

A Ecoteologia como proposta de convivência não predatória com o planeta



Agnes Alencar



Laryssa Owsiany



Priscilla dos Reis
Ribeiro

O convite para refletir sobre racismo ambiental e a sua interface com o discurso religioso abre caminhos para uma miríade de sentidos. Ainda que a primeira vista a convergência entre os temas não seja uma conexão costumeira, nossa premissa neste artigo é de que o encontro entre ética religiosa e ambiental pode ser um importante instrumento de mobilização de grupos que, em primeiro lugar respondem bem a um tipo de vocabulário de suas religiões e que, em segundo lugar, por vezes estão profundamente distantes de todo discurso científico e midiático referente à crise climática. Deste ponto de partida o objetivo do presente trabalho é refletir sobre como propor - a partir do discurso religioso - uma alternativa viável de coexistência não predatória e harmoniosa com o planeta a partir do trabalho de conscientização e mobilização comunitária. Sobretudo, é nosso intuito aqui apresentar alguns projetos que têm atuado na construção de um letramento climático-ambiental, atuando justamente na interface religião e justiça climática.

Durante a Cúpula dos Povos na Rio+20, em junho de 2012, diversos líderes religiosos do Brasil, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Movimento “Religiões pela Paz”, reuniram-se para debater a relação entre as religiões e as questões ambientais e uma carta foi elaborada que explicitava:

“(…) a agenda das religiões deve incluir os elementos que traçam os projetos do ser humano na busca de realização da sua existência e afirmar compromissos efetivos com a defesa da vida no planeta.” (Carta das religiões sobre o cuidado da Terra¹)

Gilberto Gil² canta “e quanto mais longe da terra tanto mais longe de Deus” e em sua letra ilustra muito bem o trabalho desenvolvido pelos coletivos que vamos apresentar. O Fé no Clima, projeto desenvolvido pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), foi criado em 2015 no contexto de dois importantes eventos daquele ano: a promulgação da encíclica “Laudato Sí”, do Papa Francisco, e a Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas para as mudanças climáticas – a COP 21, que naquele ano aconteceu em Paris. O mote principal do projeto é interligar temas como

1. Ler na íntegra aqui <https://kn.org.br/noticias/carta-das-religoes-e-o-cuidado-da-terra/1838>.

2. Amarra o Teu Arado a Uma Estrela lançada em 1989 na trilha sonora da telenovela O Salvador da Pátria (conhecida em Portugal como Sassá Mutema) e no álbum de Gil O Eterno Deus Mu Dança. A canção alcançou relativo sucesso, devido à popularidade da telenovela da qual era o tema de abertura.

Palavras-chave: Ecoteologia decolonial, racismo ambiental, justiça climática

crise climática, racismo ambiental e os fundamentos teológicos e cosmogônicos de diversas espiritualidades. Exemplo disso é o desenvolvimento de instrumentos pedagógicos para que religiosos e grupos de fé possam agir e trabalhar os temas em suas religiões.

Para este fim foram criados seis guias diferentes pelo ISER com os seguintes enfoques: Evangélicos, Católicos, Islã, Budismo, Judaísmo e Religiões de Matriz Africana. No que diz respeito a seu conteúdo, alguns textos são comuns a todos os guias: um deles é intitulado “A Terra é nossa mãe” escrito por Mirim Ju Yan Guarany, partindo dos pressupostos que os saberes ancestrais dos povos originários devem ser comuns a todas as religiões e de que é possível encontrarmos convergências entre todas as tradições religiosas. A missão do Fé no Clima é reunir e engajar lideranças religiosas para conscientização de suas comunidades de fé respeitando as especificidades de cada religião no enfrentamento à crise climática. O projeto parte do princípio que “lideranças religiosas/espirituais são importantes comunicadoras, pois dialogam com os valores mais profundos das pessoas”. (Guia Fé no Clima, 2022)

Um outra iniciativa a ser destacada é a Escola de ECOprofecia desenvolvida pela Casa Galiléia sob a coordenação da professora, teóloga e ecofeminista Nancy Cardoso, que tem o objetivo de formar ativistas evangélicos na temática política e climática atual, tendo como proposta alinhar valores ecoteológicos com a formação de mobilização social e táticas no campo da política ecoteológica por uma perspectiva cristã-protestante, fortalecendo a capacidade de incidência política e execução de campanhas de diferentes pessoas e lideranças evangélicas. A Ecoteologia é um movimento teológico que começa a surgir na segunda metade do século XX na esteira de um processo de crítica e crise das teologias. Teólogos como Jurgen Moltmann, Leonardo Boff, Ivone Gebara e a própria Nancy Cardoso são alguns dos nomes que constroem novas reflexões a partir de uma leitura do texto bíblico cujo enfoque está na conexão do divino e da espiritualidade com as questões da terra.

A natureza é a primeira missionária da revelação de Deus, esse é o título de uma das campanhas do próximo coletivo a ser apresentado. O Nós na Criação é um movimento Latino americano de inspiração



Confluência Fé no Clima, 2017. Fonte: fenoclima.org.br.

cristã focado em colaborar com jovens, lideranças e igrejas evangélicas, discutir e operar a fé a partir da Ecoteologia decolonial. Tem como premissa uma leitura e reflexão crítica das escrituras promovendo ações para que as pessoas “reconheçam que a espiritualidade passa pela compreensão de que a exploração e o dano que se comete contra a Terra, atinge diretamente como pecado contra a santidade criadora de Deus.”³ (VIEIRA, 2023)

De maneira prática, o Nós na Criação iniciou atuando em territórios urbanos que sofrem com inundações, desencadeadas por fortes chuvas e que ocasionam perdas severas a comunidades empobrecidas; não apenas conscientizando da necessidade de mudança na relação da população com o descarte de detritos e dejetos, mas também na mobilização da sociedade civil por políticas públicas ligadas às questões sanitárias.

O movimento global de cristãos comprometidos com a preservação ambiental chamado Renovar Nosso Mundo é outro a ser destacado, nele, além da degradação ambiental, o foco é combater a vulnerabilidade social e a pobreza. Justiça socioambiental e Bem Viver estão no cerne do ativismo da REPAM (Rede Eclesial Pan Amazônica) que tem por objetivo promover a vida, por meio do cuidado dos povos, territórios e ecossistemas amazônicos por meio de uma atuação socioeclesial articulada em rede.

O empenho constante por essa nova mentalidade que, para ser forjada, recorre também ao discurso religioso, está profundamente relacionado à crítica social das consequências nefastas do capitalismo para o corpo da terra e o corpo social bem como a preservação do conceito de “Bem Viver”. Em sua

3. Ver mais em: <https://www.instagram.com/p/CrWIX1ru3s2/>.

riqueza ancestral, este conceito vivencial sinaliza uma filosofia historicamente reconhecida pelas comunidades tradicionais cujos desdobramentos concretos servem como base a múltiplas formas de organização social de centenas de povos e culturas tradicionais da América Latina.

A crise climática é uma questão de justiça social, como nos mostra Ferdinand (2022), por isso, é impossível pensar um futuro sem encarar o racismo. Entender que todas as crises estão entrelaçadas também faz parte de reconhecer que justiça social não pode ser dissociada de justiça econômica, justiça ecológica, justiça cognitiva, relacional, afetiva etc.

Ao menor indício de tempestade, alguns são acorrentados sob o convés, outros são lançados ao mar. As destruições ambientais não atingem todo mundo da mesma maneira, tampouco apagam as destruições sociológicas e políticas já em curso. Uma dupla fratura persiste entre os que temem a tempestade ecológica no horizonte e aqueles a quem o convés da justiça foi negado muito antes das primeiras rajadas de vento” (FERDINAND, 2022, p.22)

A luta pela dignidade faz parte da pauta dos ideais de fé que visam uma existência ancorada nos valores de paz, justiça e alegria, especialmente se esta utopia toca os que vivem às margens de uma estrutura social que não atende com dignidade seus cidadãos, fazendo com que estes passem a vida em permanente estado de vulnerabilidade socioeconômica e ambiental.

Trazer para dentro do debate o sofrimento de quem perde tudo em desastres naturais com suas terríveis consequências evitáveis, faz com que a luta pela justiça climática esteja enraizada não apenas no ambiente acadêmico ou diretamente ligado ao ativismo militante. Mas também que seja moldado a partir das comunidades afetadas e as envolva em sua elaboração junto aos grupos religiosos de forma didática. Discutir as consequências da crise climática é falar sobre vida cotidiana e neste sentido, os discursos religiosos são capazes de mobilizar afetos e espiritualidade em prol de uma consciência ambiental mais ampla.

Referências

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Ubu editora, 2022.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Da agropornografia à agroecologia: uma aproximação queer contra as elites vegetais...em comunicação com o solo. In MUSSKOPF, André S. e BLASI, Marcia. (Org.). **História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 36.

SANCHES, Sidney M. ; RIBEIRO, Priscilla dos Reis.; PURI, André. **Teologia Indígena Cristã**. Editora Saber Criativo, 2022.

VIEIRA, Josias, 2023. ?

